

## **Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

*Por Miguel Marrengula<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Este artigo é resultado de um processo de observação direta e diálogos abertos estabelecidos com um grupo de meninas de rua provenientes de locais diferentes nas ruas da cidade de Maputo. O foco é reflector sobre as situações desagradáveis que as meninas de rua enfrentam no seu quotidiano, descrevendo o carácter de invisibilidade a que as meninas de rua são alvos e como consequência disso elas não recebem atenção por parte dos diversos programas sociais executados por ONG's e instituições do Governo.

Neste artigo, o argumento central é de que as meninas de rua enfrentam muito mais situações difíceis que as crianças de sexo oposto e que em muitos casos, elas são triplamente vítimas de discriminação do que os meninos de rua, dado que em primeiro lugar elas são, em muitos casos vistas como profissionais do sexo, tornando-os mais vulneráveis ao abuso sexual e físico, uma situação que as expõe à transmissão e contaminação do HIV /SIDA.

Em segundo lugar elas por serem meninas tem uma posição subalterna nas relações sociais que se estabelecem tanto com os seus parceiros de rua, com os clients de sexo, se for o caso, como com a sociedade em geral. E finalmente, em terceiro lugar, elas são discriminadas por serem crianças, numa sociedade onde o respeito dos direitos da criança não é tomada em consideração, sendo normal, bater/ espancar uma criança sob o argumento de que se está a educar.

---

<sup>1</sup> PhD em Serviço Social com especialidade na protecção social da criança, animação sócio-cultural e desenvolvimento comunitario.

Meu principal objetivo é descrever brevemente a situação social dessas meninas e, portanto, tornar reconhecível o facto de haver uma violação em massa dos seus direitos fundamentais.

Palavras chave: Crianças de rua; Meninas de rua, HIV/SIDA.

## **Introdução**

A questão das crianças de rua tem sido foco de debates por um conjunto de académicos, políticos, economistas, trabalhadores sociais e, até mesmo, turistas há mais de 30 anos. O termo criança de rua foi usado pela primeira vez em 1951 pela Organização das Nações Unidas para a Ciência, Educação e Cultura (UNESCO) para se referir a crianças que deambulavam pelas ruas após a Segunda Guerra Mundial na Europa e viria a ser tomado como assunto de debate e especial atenção em 1979 - Ano Internacional da Criança - tendo resultado na criação, em 1982, do chamado programa de interação entre ONGs (*Inter NGO Program*) cujo foco é o apoio a crianças e jovens de rua (Panter-Brick 2001 e Lalor 1999 citados por Marrengula 2010).

Em 1986, o conselho executivo da Fundo das Nações Unidas para a Infancia (UNICEF) aprovou pela primeira vez medidas prioritárias para “crianças em circunstancias especiais e difíceis”, e nessas medidas, especial atenção foi dada a crianças de rua e no desenvolvimento de estratégias que poderiam defender os seus direitos básicos, evitar a exploração física e sexual e de certa forma responder às suas necessidades, das suas famílias e das comunidades de origem a que pertencem (Taçon 1991 citado por Lalor 1999; Panter-Brick 2003).

Em Moçambique não existe uma legislação e programação específica oficial sobre a situação da criança de rua e o enfoque dado na abordagem sobre os direitos da criança é bastante generalizado, referenciando de forma generalista crianças em situação vulnerável.

A maioria dos programas em implementação, são implementados de forma isolada por um vasto leque de ONG's nacionais e estrangeiras. Dados ao meu dispor dão referencia á

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

copyleft: Miguel Marrengula

existência de mais de 40 ONG's em Maputo (provincia e cidade) que abordam a questão da criança de rua e dos direitos da criança.

Contudo, mesmo tendo sido assunto de enfoque para tanto debate e definição de programas, planos de acção, políticas, etc. por um periodo superior a 30 anos, a realidade das crianças de rua continua insólita.

Ao olho nú, elas são a imagem considerada e aceite como normal no nosso quotidiano nas ruas da maior parte das cidades africanas incluindo algumas cidades do mundo desenvolvido. As crianças de rua, representam uma parte da população mundial a quem se rejeita o direito de ser “um ser humano”, onde o direito a alimentação, saúde, habitação, educação, acesso a água, ao amor, carinho, etc. lhes é negado com toda a simplicidade e naturalidade ja mais vistos.

É comum encontrar nas ruas da cidade de Maputo, crianças atacando contentores de lixo em busca de comida, sob o olhar impávido dos provedores dos serviços públicos, principalmente do Ministério da Mulher e Acção Social e instituições subordinadas. Estes simplesmente consideram a situação normal, não questionando “o que se estará a passar com aquela criança que está a comer lixo, que motivações estão por detrás de tal comportamento, o que se pode fazer para evitar tal situação”.

Para muitos de nós, as crianças de rua existem por opção própria, porque gostam ou são moluenes ou porque são preguiçosas. Mas quem sera que gosta de comer lixo? Quem gosta de dormir num jardim e cobrir cartolinas? Quem gosta de andar sujo e semi-nú? Quem será que aprecia adoecer e não poder ter alguém para lhe assistir? Quem é que aprecia andar dia e noite pelas ruas da cidade, sob o olhar pejorativo e espezinhador do mundo? Estas e muitas outras perguntas são esquecidas quando olhamos para as crianças de rua e aceitamos a sua condição como algo de opção individual.

A tendencia do aumento do número de crianças de rua nas cidades dos países em vias de desenvolvimento e até mesmo dos países já desenvolvidos, tem a ver com, por um lado, existência de famílias e comunidades em situações de extrema vulnerabilidade social e

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

económica (incluindo situações de Guerra, calamidades naturais, doenças crónicas como a tuberculose, HIV/SIDA e Malária) associada ao processo de liberalização económica e social que por si promove situações de crescent desigualdade social mantidos pelos sistemas globais de opressão. Por outro lado, o fenómeno de crianças de rua está associado á ausência de laços de comunicação e de gestão das relações sociais no seio das famílias (violência doméstica, uso e abuso de drogas e álcool, etc.) e enfraquecimento das redes de solidariedade comunitária e familiar que normalmente mitigariam o fenómeno.

Porém, mesmo sendo possível notar a preseça de crianças de rua por quase todas as cidades dos países em vias de desenvolvimento, como é o caso da cidade de Maputo, a assunção inicial é de que todas as crianças de rua são rapazes uma vez que a maioria de pesquisas focalizam as suas abordagens na existência de meninos de rua e muito pouca informação existe no que diz respeito a meninas de rua.

Isto significa que as meninas de rua são pessoas invisíveis no contexto de pesquisa e até mesmo na imprensa, tornando a sua existencia, suas dificuldades, seus problemas e necessidades assuntos ignorados mundialmente. Efectivamente, as meninas de rua existem e, apesar de serem em número reduzido em relação ao meninos de rua, precisam de uma atenção especial.

### **Quem são as crianças de rua?**

O fenómeno das crianças de rua tem sido uma das mais marcantes faces da pobreza na maioria dos países em desenvolvimento. Contudo, pesquisadores, investidores, agentes de desenvolvimento, programas de desenvolvimento etc., dão pouca atenção a este fenómeno. Como Lalor (1999) observa, a maior parte dos estudos académicos tem tido lugar na América Latina.

No entanto, nos últimos anos, alguns estudos sobre os fenômenos crianças de rua na África tem tomado lugar, onde autores como Matchinda (1998) nos Camarões, Veale & Dona (2003), em Ruanda, Young (2004), em Uganda, Kudrati et al. (2008) e Plummer

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

et al. (2007), no Sudão, Tudorié Gemou (2005) na África do Sul, Hatloy & Huser (2005), em Acra, Lalor (1999), (2004), na Etiópia, Ouma (2004) no Quênia, Kopoka (2000), na Tanzânia, para mencionar apenas alguns, tem vindo a se debruçar sobre o fenómeno como um problema social digno de atenção.

O mesmo pode ser dito sobre os países do Sul da Ásia, onde o crescente fenómeno de crianças de rua, levou a um interesse académico de pesquisadores como Mathur, Rathore & Mathur (2009), Kombarakaran (2003) na Índia, Lam & Cheng (2008) na China, Ali et al (2004) e Towe et al. (2009) no Paquistão, Gross et al. (1995), em Jacarta, entre outros.

Em Moçambique, a percepção comum de quem são as crianças de rua é a de “criminosos” ou “potenciais criminosos”, usuários de álcool e drogas, bandidos e foras da leis, ladrões, mendigos, diabinhos, crianças amaldiçoadas, marginais etc. Na maioria das cidades Moçambicanas, a palavra que sintetiza todas estas categorias é a de “moluene” (mais comumente usada na cidade de Maputo).

Com estas categorizações, nota-se facilmente que as crianças de rua não são consideradas seres humanos normais, mas sim como crianças que merecem a vida que têm, levando a que, as instituições formais abordem uma estratégia punitiva em relação a elas, tais como remoção forçada de crianças de rua das ruas como uma estratégia de "limpar" as ruas da má imagem que estas crianças dão.

Um bom exemplo disto é o que aconteceu semanas antes do encontro dos chefes de estados da União Africano que teve lugar de 4 a 11 de julho de 2003, quando se verificou a remoção imediata de todas as crianças de rua da cidade, onde maioria dessas crianças foram levadas em caminhões para vários lugares (Moamba especialmente) e abandonados a vários Km fora da cidade.

Em conversa com crianças de rua neste altura, algumas relataram ter de voltar às ruas da cidade de Maputo a pé ou por meio de boleias em camiões de origens diversas logo após a cimeira. Situações similares são observadas no Zimbabwé, onde Bourdillon (1994)

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

observa que as crianças de rua são retiradas das ruas e colocados em centros de detenção de crianças, também chamados de "casas de segurança".

Com isto, quero afirmar que na maioria dos casos, instituições do Governo, ao invés de proteger as crianças, promover seus direitos, desenvolve acções de violações dos direitos da criança através de uma retirada violenta das ruas sob o pretexto de promover a segurança pública.

Em geral, como observa Dube (1999) e Swart-Kruger (1996) em relação a Harare e África do Sul, respectivamente, este é um resultado de profunda pressão por parte de representantes da indústria e do comércio nas cidades, que acham que as crianças de rua influenciam negativamente no processo normal de seus negócios. Para esse grupo de pessoas, incluindo para alguns políticos e fazedores das leis, as crianças de rua não são parte do público, não constituem pessoas capazes de contribuir para a riqueza e bem estar de um país, elas são sim, um prejuízo do estado e causadores da insegurança pública.

Estas posições são comuns para a maioria de nós, que não nos preocupamos em procurar saber as razões que levam estas crianças a viverem na rua, os possíveis factores que as influenciam. Recorremos a respostas rápidas, infundadas e preconceituosas sobre as causas das crianças de rua.

Se as nossas respostas rápidas sobre quem são as crianças de rua e porque estão na rua são infundadas, qual será então a explicação certa para este fenómeno? No que diz respeito ás razões da existência de crianças de rua, suas motivações e incentivos, existem várias explicações que vão desde factores sócio-culturais, económicos até aos psicológicos.

Na maioria dos casos, o exame pre-conceituoso das relações de poder entre adultos e crianças também desempenham um importante papel na tomada de decisões sobre aspectos que lhes dizem respeito. Esta é uma das principais características das organizações, que se preocupam com a promoção dos direitos fundamentais das

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

crianças em situações difíceis, fornecendo abrigo, alimentação, proteção, educação, cuidados de adultos, de saúde e apoio social. A maioria dessas organizações enfatizam a dependência das crianças em adultos. Conforme Baker (1998) observa, as crianças são vistas como incompetentes para tomar decisões e que estão em necessidade de protecção contra o abuso, ocultando a competência das crianças dentro de suas próprias áreas de interação, particularmente sua capacidade de trabalhar perante as estratégias de sobrevivência nas ruas.

A formação básica da maioria destas organizações defende que a família é a única estrutura social normal e biológica na qual a criança deve crescer e se desenvolver. Esta abordagem defende o ideal de retirar as crianças das ruas, tão rapidamente quanto possível e colocá-los em instituições fechadas, a fim de as "reabilitar" na base da educação e promoção de habilidades práticas. Fornecimento de comida e roupas para crianças de rua no seio da rua é visto como uma prática perigosa, já que pode ser uma atração para a vida na rua.

No entanto, ao longo dos anos, tem se notado que o simples facto de retirar as crianças das ruas e colocá-las em centros de reabilitação ou devolvê-las às suas famílias de origem não tem vindo a resolver o problema, pois uma vez reintegradas no seio da famílias, as mesmas retornam á rua e no caso dos centros de reabilitação, muitas crianças tendem a fugir.

Isto deve-se, na minha opinião ao dois factores principais, sendo o primeiro relacionado com o facto de as crianças reintegradas no seio das suas famílias, encontrarem os mesmos problemas que as motivou a abandonar a família e as comunidades ainda por resolver (muitas vezes associado a pobreza extrema), ou então as que são colocadas em centros de reabilitação social se sentirem num ambiente repressivo devido ao carácter de controle social fechado que a maioria dos centros de reabilitação juvenil ostentam. O segundo factor, pode ser associado ao facto de a abordagem integracionista das crianças de rua em centros de reabilitação social ou no seio das famílias de origem não olhar para as expectativas das crianças, não questionar os seus interesses e muito menos procurar

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

olhar se a criança em causa tem ou não alguma perspectiva alternativa de vida para além destas duas opções.

Esta situação, mostra que há uma necessidade de uma abordagem diferente sobre as questões das crianças de rua, bem como em todos os tipos de programas de desenvolvimento social dando mais foco sobre os fatores que perpetuam a fundo o fenómeno das crianças de rua, como é o caso das situações de pobreza extrema a que a maioria da população Moçambicana se encontra mergulhada. Com isto quero dizer que não basta reintegrar as crianças de rua no seio das famílias se os motivos que os fizeram fugir de casa ainda persistirem, porque obviamente ela vai fugir outra vez.

Associado a este aspecto está a falta de informações sobre os factores motivadores e incentivadores crianças de rua<sup>2</sup>, o senso comum por exemplo, que concebe as meninas de rua como prostitutas, e não como meninas de rua, ou como as meninas que precisam de atenção e cuidados especiais.

Há uma necessidade de começar pela identificação do passado histórico de cada criança, identificação das suas necessidades, tristezas, desejos e os sonhos, de modo a evitar que a sociedade decapite o futuro das crianças de rua através do acto de qualificar-las numa categoria de maior degeneração de uma espécie humana.

Diferentes abordagens sobre apoio social da criança de rua têm vindo a surgir como Myers e Boyden (1998) demonstram, que o foco é sobre os direitos da criança ao invés de caridade. Estas abordagens focalizam a liberdade das crianças, reconhecendo as suas capacidade de responder a situações de adversidade (Ennew 1994, Butler e Rizzini 2001).

A partir dessas perspectivas, a necessidade de respeitar a dignidade das crianças, as suas contribuições para as suas famílias e comunidades, bem como o seu direito e capacidades de moldar suas próprias vidas é levado em consideração, chamando para a necessidade dos adultos para ouvir e entender as crianças, suas perspectivas em função

---

<sup>2</sup> Factores motivadores: o que o fez sair de casa. Motivos internos no seio da família. Factores incentivadores: o que o atraiu a vir a rua. Motivos externos á família, atractivos.

do contexto social bem como e protege-las em seus contextos específicos, melhorando as suas competências de acordo com suas realidades sociais.

Isto tudo significa incentivar a participação da criança na tomada de decisões a seu respeito. Com base nesta abordagem, é criança de rua, todo o ser humano de idade menor a 18 anos, que não tendo outro lugar para se alojar, utiliza espaços públicos (ruas, parques, ruínas, jardins, sucatas, tambores, etc.) como sua residência. Contudo, é importante ter em conta que esta criança de rua, tem capacidade de aprender, criticar, avaliar e de agir em função das circunstâncias sociais em que se encontra integrado.

É tendo em conta esta definição que irei discutir os factores incentivadores e motivadores do fenómeno das crianças de rua na cidade de Maputo na próxima sessão deste artigo.

### **Porque é que as crianças de rua existem**

Também fiz notar nessa sessão que na sociedade em que vivemos, as crianças de rua são vítimas de um conjunto sem fim de estereótipos e categorizações, muitas vezes com atribuições de nomes derogatórios. As crianças de rua, se não são vistas como “demónios em miniatura”, são simplesmente pequenos criminosos, marginais, preguiçosos e esfomeados que escolheram a vida da rua por gostarem de vida fácil. Estas e muitas outras posições são comuns para a maioria de nós, como forma de explicar um problema cuja solução está na vontade individual das crianças.

Porém, as coisas não são assim tão simples, existem factores mais complexos que influenciam a existência de crianças de rua nas diversas partes do mundo. Contudo importa deixar aqui claro que os factores variam de lugar para lugar, de criança para criança e de comunidade para comunidade. Isto significa que não se podem tomar posições generalizadas sobre as causas ou motivos que levam as crianças a viverem na rua.

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

De uma forma geral, as crianças podem ser influenciadas por dois grupos de factores para a vida de rua, estes são “os factores de pressão e os factores de atracção”.

Considero factores de pressão, o conjunto de situações no contexto familiar que motivam as crianças a abandonarem o ambiente familiar para viver na rua. Alguns exemplos de factores incentivadores são: a violência dos pais, a situação de orfandade da criança, situações de abandono, situações de pobreza extrema no contexto familiar, a guerra, calamidades naturais, entre outros.

Estudos científicos procuram abordar os factores de pressão para a vida na rua em função do contexto em que o fenómeno é analisado. Na maioria dos países em desenvolvimento, a razão está associada principalmente à situação estrutural da pobreza extrema, que muitas crianças enfrentam em suas vidas cotidianas, como é demonstrado por Rizzini & Lusk (1995), Aderinto (2000) e Lalor (1999).

Associada à pobreza, a violência doméstica, o abuso sexual e trabalho infantil são também mencionados como aspectos contribuintes nas decisões das crianças em sair de casa e permanecer nas ruas (Ali et al. 2004, Rizzini & Lusk 1995, Aptekar 1988, Lalor 1999, Aderinto 2000 e Lam Cheng e 2008 citado por Marrengula 2010).

Dada a situação de extrema pobreza que muitas famílias Moçambicanas enfrentam, o rendimento das crianças se torna uma questão necessária dentro das famílias e suas comunidades, onde as crianças são obrigadas a fornecer uma contribuição na renda da família, quer ajudando em atividades agrícolas ou trabalhando em diferentes lugares. Esta é uma realidade comum no contexto urbano, onde as crianças de rua realizam actividades de limpeza de carros, carga e transporte de produtos diversos para vendedores de mercados e turistas, mendicidade e roubos.

Os factores de atracção, são todas as situações que atraem as crianças para a vida na rua, estas condições são muitas vezes externas ao ambiente familiar da criança. Alguns exemplos destes factores são o espírito de aventura, a vontade de experimentar ambientes novos, a ambição da liberdade, o desejo de autonomia entre outros.

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

## **As meninas de rua, um aspecto negligenciado**

Em muitos casos, quando se fala de crianças de rua, só aparece á mente a existencia de rapazes maus, mal educados e sem futuro, que estão na rua por sua livre vontade ou por serem simplesmente preguiçosos. Poucas vezes se olha para a existência de meninas de rua, e que muitas vezes encaram piores situações de vida comparativamente aos rapazes na rua, apesar de serem forçadas á vida na rua por motivos semelhantes.

Em outros casos, a ideia que se tem de meninas de rua é de serem simples prostitutas, que não sendo capazes de se adequarem ás normas de vida da sociedade, se assume que elas simplesmente procuram uma vida fácil. Mas as coisas não são tão simples assim.

As meninas enfrentam maiores dificuldades pelo facto de elas não terem acesso fácil ao trabalho como os rapazes no seu contexto (a rua). Se as meninas não podem ter qualquer trabalho possível nas ruas, a sua alternativa é a de se casar com um homem mais velho sob a orientação e decisão de seus pais ou parentes, ou a trabalhar como prestadoras de serviços de sexo durante a noite.

No entanto, existem situações de abuso extremo por adultos que, em condições normais deveriam ser reponsáveis por cuidar delas e em vez disso, são os principais perpetradores do abandono físico, moral e sexual, ou principais perpetradores de acções de negligenciá, como é o exemplo do relato partilhado por Maria, numa entrevista:

*“Eu tinha um namorado, mas meu tio não gostava dele. Tenho 16 anos, você vê, e eu tinha 14 anos andtes de sair de casa. Meu tio queria fazer sexo comigo e eu não aceitei. Tive que fugir de lá, porque ele tentou várias vezes me violar. Ele tem filhas mais velhas do que eu, por que ele não vai pedir ás filhas dele? É por isso que eu estou viver aqui na rua, onde eu prefiro ficar, do que ser usado pelo meu proprio tio. Estou aqui a cerca de 2 anos. Eu acho que aqui é muito melhor, estou com meu namorado e podemos lutar juntos para viver, mesmo que sejamos pobres”.* (Maria entrevistada em 06/07/2009, citado por Marrengula 2010).

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

Por outro lado, devido à situação de órfandade a que muitas crianças se encontram, vítimas do HIV/SIDA e outros problemas de saúde e sociais, as meninas são recolhidas por familiares, a fim de viver com eles e em troca elas ajudam nas tarefas domésticas, cuidando de crianças de seus relativos (tios, avós, primos, etc.), realizando, em muitos casos pesadas cargas de trabalho não remunerado por toda a vida. Carla fala um pouco disso em sua história:

*“Quando minha mãe morreu em 2001, minha tia veio e me levou para Maputo, onde eu poderia ter uma chance de ir à escola e ter uma vida melhor. Eu tinha 9 anos naquela época. Mas quando cheguei aqui ela não me matriculou na escola dizendo que não há vagas nas escolas mais perto e que enquanto espero o ano seguinte eu havia de ficar a cuidar do bebé em casa. Foi tudo bem. Mas então eu tinha que cuidar de toda a casa, lavar roupa, pratos, limpar a casa e cuidar de seu filho pequeno. Enquanto minhas primas, as filhas da minha tia iam a escola e não faziam nada em casa, eu era a empregada, a burra, a estúpida e a mal vestida da família. Eu fiz isso por quatro anos até que decidi sair, porque eu percebi que eu era apenas um escravo naquela casa. Quando entendiam me batiam, não me davam comida, as vezes me punham a dormir fora da casa, na varanda e sem manta porque eu não limpei o corredor da casa ou coisas assim. Foi horrível...”*(Carla, 17 anos de idade menina de rua em 19/09/2010).

Histórias como estas são comuns entre as meninas de rua, bem como os rapazes nas ruas. Vários estudos científicos demonstram que o problema das crianças de rua não tem um factor isolado, único e universal, mas sim uma combinação de vários factores sociais que tornam a vida inaceitável em casa (Lalor 1999, Campbell 1991, Dube 1999, Thudoré-Ghemó 2005, Chatterjee , 1992).

Embora existam muitos factores que influenciam o aumento do número de crianças de rua, a pobreza parece ser o principal factor principal e em combinação com outros factores. No caso das meninas, é importante ressaltar que a maioria das crianças em

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

sociedades em vias de Desenvolvimento, as mulheres são as principais vítimas da pobreza.

A economia informal tem sido o meio de sobrevivência para as crianças de rua, fora da proteção de uma família. Esta situação é sustentada pelo crescimento da pobreza que afecta as mulheres em particular, dada a sua posição subordinada na sociedade moçambicana, onde o acesso à educação é, tradicionalmente, uma prioridade para os meninos, onde as mulheres são retratadas como donas de casa e não como profissionais, onde mesmo com muitas legislações sobre os direitos da mulher, declarações e tratados sobre os direitos da mulher, da criança e da família, estes direitos são violados de formas diversas, e como se não bastasse, os mecanismos que facilitem o acesso ao apoio jurídico são escassos ou desconhecidos.

Em muitas culturas, as meninas são socializadas para permanecer em casa, de modo a preservar sua pureza e torná-los desejáveis como mulheres e mães. No entanto, algumas meninas são socializadas para a vida nas ruas porque suas mães são vendedores ambulantes, de modo a acompanhar, aprender, imitar, e ajudar as mães nas diversas difíceis tarefas domésticas, e assim acabam tendo acesso à vida nas ruas. Em alguns casos, as mães ou seus responsáveis enviam as meninas às ruas para mendigar, uma vez que a renda familiar escasseia.

A violência doméstica e o abuso é um efeito da pobreza, associada aos divórcios, onde as crianças são forçadas a enfrentar um novo relacionamento indesejável (com padrastos ou madrastas violentos/as) em casa constitui uma das razões. No entanto, em muitos casos, a dissolução da estrutura familiar está associada com o índice elevado da mortalidade como consequência do HIV / SIDA, onde os problemas familiares que seguem a morte do pai / mãe após uma longa doença e caro, passam para a responsabilidade da criança.

O objectivo desta sessão era demonstrar que nenhuma criança gosta de viver na rua, de passar fome, de comer nos contentores de lixo. Existem sim vários factores sociais que influenciam as crianças a tomarem uma vida de rua.

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

A próxima sessão dedicar-se á a reflectir sobre a questão dos efeitos colaterais da vida das meninas de rua, com enfoque no HIV/SIDA.

## **Conclusão**

O presente artigo, reflecte sobre a situação negligenciada em que a maioria das meninas de rua se encontra no mundo contemporâneo, numa situação em que o discurso global gira em torno do ideal da igualdade de direitos, acesso aos direitos humanos básicos, metas do desenvolvimento do milénio, direitos da criança, luta contra a pobreza, combate ao HIV/SIDA entre outros slogans.

É no âmbito destas questões que este artigo, se debruça para de forma crítica, demonstrar que as crianças de rua e em particular as meninas de rua, são as principais vítimas dos sistemas globais de opressão, manifesta pela situação de pobreza extrema, onde os seus direitos básicos são de forma visível e ignorada negados.

Neste artigo, procuro demonstrar que meninas de rua existem em situações muito mais complexas que as de outras crianças de rua de sexo oposto, e encaram o seu dia a dia com maiores desafios.

## Referencias Bibliográficas

- Aderinto, A. (2000). Social correlates and coping measures of street-children: A comparative study of street and non-street children in South-Western Nigeria, *Child Abuse & Neglect* 24 (9) (2000), pp. 1199–1213.
- Ali, M.; Shahab, S.; Ushijimaa, H.; & de Muynck, A. (2004). Street children in Pakistan: A situational analysis of social conditions and nutritional status; *Social Science & Medicine* 59; 1707–1717
- Aptekar, L. (1988). *Street Children of Cali*, Duke University Press, Durham; London
- Baker, R. (1998). "Runaway Street Children in Nepal: Social Competence Away from Home." In Hutchby, I. and J. Moran-Ellis, eds. *Children and Social Competence: Areas of Action*. London: Falmer Press, 46-63.
- Bourdillon, M. (1994). "Street Children in Harare." *Africa* 64(4): 516-532.
- Butler, U. & Rizzini, I. (2001). "Young People Living and Working on the Streets of Brazil: Revisiting the Literature." *International Journal of Educational Policy, Research and Practice* 2.
- Campbell, A. (1991). *The Girls in the Gang*. Blackwell: Oxford.
- Chatterjee, A. (1992). *India: The Forgotten Children of the Cities*. UNICEF.
- Dube, L. (1999). *Street Children: A Part of Organised Society?* Ph.D. Dissertation. University of Zimbabwe, Harare.
- Ennew, J. (1994). *Street and Working Children: A Guide to Planning*. London: Save the Children.
- Gross, R.; Landfried, L. & Herman, S. (1996). Height And Weight As A Reflection Of The Nutritional Situation Of School-Aged Children Working And Living In

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

- The Streets Of Jakarta *Soc. Sci. Med.* 0277-9536(95)00441-6; Vol. 43. No. 4, 453-458,
- Hatloy, A & Huser, A. (2005). Identification of street children: Characteristics of street children in Bamaco and Accra; Fafó: Research Program on Trafficking and Child Labour; Report 474
- Kopoka, P. (2000). *The Problem Of Street Children In Africa: An Ignored Tragedy; Proceedings from Paper to be presented to an International Conference on Street Children and Street Children's Health in East Africa, to be held in Dar-Es-Salaam, Tanzania, April 19th - 21st April 2000*
- Kudrati, M; Plummer M.; Dafaalla, N. & Yousif, E. (2008). Children of the *sug*: A study of the daily lives of street children in Khartoum, Sudan, with intervention recommendations; *Child Abuse & Neglect* 32 (2008) 439–448
- Lalor, K. (1999). Street children: A comparative perspective. *Child Abuse & Neglect*, 23(8), 759–770.
- Lam, D. & Cheng, F. (2008). Chinese policy reaction to the problem of street children: An analysis from the perspective of street children; *Children and Youth Services Review* 30 (2008) 575–584 Retrieved online from [www.elsevier.com/locate/childyouth](http://www.elsevier.com/locate/childyouth) on 14/02/2010
- Le Roux, J. (1996). Street Children in South Africa - Findings from interviews on the background of street children in Pretoria, South Africa; [http://pangaea.org/street\\_children/africa/safrica2.htm](http://pangaea.org/street_children/africa/safrica2.htm); Retrieved on 12/08/2010
- Marrengula, M (2010). Addressing Socio-Cultural Animation as community social work with street children in Maputo, Mozambique; PhD dissertation in progress., at University of Tampere, Faculty of Social Sciences, Department of social work research, Finland.
- Matchinda, B. (1999). *The impact of home background on the decision of children to run away: the case of Yaounde city street children in Cameroon*; Yaounde 1

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

- University, Ecole Normale Superieure, Yaounde, Cameroon In Journal of Child Abuse & Neglect, Vol. 23, No. 3, pp. 245–255.
- Mathur, M.; Rathore, P. & Mathur, M. (2009). Incidence, type and intensity of abuse in street children in India Child Abuse & Neglect 33; 907–913
- Myers, W. & Boyden, J. (1998). Child Labor: Promoting the Best Interests of Working Children. Save the Children.
- Moberly, C. (1999). Creating policies which address the “voluntary separation” of children in Angola. In A. Schrader & A. Veale (Eds.), *Prevention of street migration: Resource pack* (pp. 36–50). London: Consortium for Street Children, UK.
- Ouma, W.G. (2004). Education for street children in Kenya: the role of the Undugo Society, International Institute for Educational Planning, Paris- France. Retrieved from <http://www.unesco.org/iiep> on 06/11/2007
- Panter-Brick, C. (2003). Street children, human rights and public health: A critique and future directions. *Children, Youth and Environments Journal*, nr. 13
- Plummer, M.; Kudrati, M., & Yousif, N. (2007). Beginning street life: Factors contributing to children working and living on the streets of Khartoum, Sudan. *Child and Youth Services Review*, 29, 1520–1536.
- Rizzini, I. & Lusk, M. (1995). ‘Children in the Streets: Latin America’s Lost Generation’, *Children and Youth Services Review* 17(3): 387-395.
- Swart, J. (1990). "Street Children in Latin America with Special Reference to Guatemala." Unisa Latin America Report 6(1): 28-42.
- Swart-Kruger, J. (1996). "An Imperfect Fit-Street Children and State Intervention." Africa Insight 26(3): 231-235.

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**

- Towe, V.; Hasan, S.; Zafar, T. & Sherman, S.G. (2009). Street Life and Drug Risk Behaviors Associated with Exchanging Sex Among Male Street Children in Lahore, Pakistan *Journal of Adolescent Health* 44 (2009) 222–228
- Tudorié-Ghemo, A. (2005). *Life on the Street and the Mental Health of Street Children – A Developmental Perspective*; Dissertation in partial fulfilment of the requirements for Degree Magister In Psychology; Faculty Of Arts, University Of Johannesburg; Johannesburg, RSA
- Veale, A. & Donà, G. (2003). *Street children and political violence: a socio-demographic analysis of street children in Rwanda* In Pergamon journal of Child Abuse & Neglect 27 (2003) 253–269
- Young, L. (2002). Journeys to the street: the complex migration geographies of Ugandan street children; *Geoforum* 35 (2004) 471–488, retrieved from [www.elsevier.com/locate/geoforum](http://www.elsevier.com/locate/geoforum) on 14/08/2009

**COMO CITAR ESTE ARTÍCULO:**

**Marrengula, Miguel; (2011); Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada; en <http://quadernsanimacio.net>; nº 13 enero de 2011; ISSN: 1698-4044**

**Meninas de rua na cidade de Maputo: Uma questão negligenciada**

**copyleft: Miguel Marrengula**